

EL PAPEL DE LAS WEBTVS EDUCATIVAS EN LA (RE) CONSTRUCCIÓN DE LAS IDENTIDADES DEL SEMIÁRIDO: LOS PROYECTOS TELES CAATINGA Y WEBTV UNEB - NÚCLEO JUAZEIRO

Fabíola Moura Reis Santos – Universidade do Estado da Bahia e Universidade Federal do Vale do São Francisco – fabiolamsantos@hotmail.com

Resumo

Segundo o Ministério das Comunicações, “os serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, com fins exclusivamente educativos, poderão ser outorgados às instituições de educação superior criadas e mantidas pela iniciativa privada, com sede no Brasil e credenciadas pelo Ministério da Educação, na forma do art. 12 do Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006”. Nas cidades de Juazeiro-BA e Petrolina-PE, respectivamente, a Universidade do Estado da Bahia, por meio de um projeto de extensão do curso de Jornalismo em Mídias, e a Universidade Federal do Vale do São Francisco, desenvolvem dois projetos de TV educativa, ainda pela internet, a Webtv.Uneb-Núcleo Juazeiro e a TV Caatinga, que possibilitam novas práticas jornalísticas e/ou educativas ao pautar um Semiárido diferente do que é mostrado de forma estereotipada pela imprensa hegemônica. Este trabalho investigou de que forma os sujeitos que produzem e/ou produziram para essas plataformas (os estudantes de jornalismo e futuros profissionais da mídia, comercial ou não, além dos egressos do curso que foram colaboradores dessas webtvs) absorvem a ideia de uma outra retratação do Semiárido (através do letramento midiático) e pretendem utilizar (ou já utilizam) essa proposta no exercício da profissão. A pesquisa objetivou ainda questionar como esses sujeitos podem contribuir na identificação ou na (re) construção de identidades, por meio de matérias jornalísticas e produções audiovisuais, como curtas-metragens e documentários, além de outros produtos educativos com o foco na comunicação para a promoção das viabilidades do Semiárido e a emancipação do povo que habita esses territórios.

Palavras-chave: TV Educativa, Webtv, Semiárido, Sertão, Telejornalismo, Letramento, Educação.

Introdução

Chão rachado, gado morto, seca e miséria. É assim que o Semiárido Brasileiro normalmente é pautado pela mídia. Nas novelas, o sertanejo é uma caricatura do personagem miserável, subnutrido, ignorante e, por vezes, curioso e até exótico. Já nos veículos de comunicação de massa, o sertão nordestino é noticiado quase que exclusivamente nos períodos de longas estiagens, sob o discurso da seca que mata as vacas e assola as plantações. De acordo com Ribeiro (1999), “característica natural deste clima, a seca compõe o principal elemento do imaginário regional veiculado e difundido nacionalmente através dos meios de comunicação e da bibliografia acadêmica”. Ribeiro observa ainda que nestes trabalhos, há uma ligação forte entre a sociedade e a natureza e que, na maior parte deles, a seca é trabalhada discursivamente como a causa principal do atraso regional. “A seca, bem como a escassez de água no sertão, são apontadas, na maioria dos discursos, como as grandes responsáveis pela miséria que atinge a região” (RIBEIRO, 1999, p. 60).

Para o autor, essa associação entre clima e pobreza revela um tratamento determinista da questão que contamina, mesmo que inconscientemente, boa parte da produção intelectual e cultural sobre esses territórios. O termo território é utilizado aqui para se referir ao Semiárido Brasileiro a partir do entendimento de Araújo e Haesbaert (2007), que o definem como “construído no jogo entre material e imaterial, funcional e simbólico”. Algo que vai além das limitações geográficas e que está intrinsecamente ligado à ideia de identidade em constante transformação e movimento, de forma não estática. Os dois termos, portanto, aparecerão ao longo desse trabalho sempre citados no plural, pois compreendo que existem diversos territórios e identidades no Semiárido Brasileiro. Essa diversidade territorial ocupa uma parcela relevante da região Nordeste do país, mas não se

limita a ela. A área é de 969.589,4 km² e compreende 1.133 municípios de nove estados do Brasil (inclusive o Norte de Minas Gerais), segundo dados do Ministério da Integração contidos no *site* da Articulação Semiárido Brasileiro-ASA¹. A organização divulgou ainda o levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000) que constatou que 22 milhões de pessoas vivem nesses territórios, o que representa 11,8% da população brasileira, compondo o Semiárido mais populoso do planeta.

Não podemos esquecer, contudo, como veremos aqui para o caso do elo entre identidade e território, que todas essas re-significações ou, no nosso caso, re-identificações, estão mergulhadas em relações de poder e, deste modo, sujeitas aos mais diversos jogos, ora mais impositivos, ora mais abertos, que este poder implica dentro de uma sociedade profundamente desigual e marcada por múltiplos processos de dominação. (ARAÚJO E HAESBAERT, 2007, p. 37)

Como afirmam Lima e Pinto (2005), para que aconteça a mudança do paradigma do desenvolvimento não sustentável para o de desenvolvimento sustentável no Semiárido, é preciso que haja uma mudança de consciência, uma mudança nos modos de pensar e uma transformação de valores. Muito embora tenha compreendido que as autoras estejam defendendo a sustentabilidade e a mudança da perspectiva sobre esses territórios, esclareço que concordo com a visão difundida por José de Souza Silva (2010) sobre ideia de “desenvolvimento” como uma dicotomia entre superior-inferior, que nos divide em desenvolvidos-subdesenvolvidos. Dessa forma, optei por mudar não só o termo como todo o conceito que gira em torno dele e “substituir ‘desenvolvimento’ como meta por ‘bom viver’ como fim” (SILVA, 2010, p.3).

A partir dessa observação e com vistas na transformação do estigma de região problema é que a programação de duas webtv² educativas, a Webtv Uneb Juazeiro e a TV Caatinga, foi pensada e está em permanente evolução. De acordo com o Ministério das Comunicações,

¹www.asabrasil.org.br

²WebTV nada mais é do que a conversão do conteúdo da televisão para a internet (RIBEIRO, 2009, p.7). Eu acrescento que a produção desse conteúdo pode ser realizada de forma específica para a internet, como acontece nas plataformas estudadas aqui.

os serviços de radiodifusão, como definidos na Constituição, têm por fundamento a finalidade educativa e cultural, a promoção da cultura nacional e regional e o estímulo à produção independente que objetive sua divulgação, a regionalização da produção cultural, artística e jornalística e o respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família, sendo permitida a exploração comercial desses serviços, na medida em que não prejudique esse interesse e aquela finalidade (BRASIL, 1998).

Considerando essa orientação, a Webtv.Uneb-Núcleo Juazeiro e a TV Caatinga, plataformas ligadas à duas universidades públicas sediadas no Semiárido Nordeste, desenvolvem sua programação voltada para uma retratação desses territórios sem estereótipos ou determinismos climáticos, propagados há décadas pelos governos e pela mídia. Embora não se trate de emissoras em canais de televisão, abertos (broadcast) ou fechados (assinatura), essas duas webtvs seguem a legislação voltada para esses veículos, considerando ainda a falta de regulamentação no Brasil para esse tipo de ambiente na internet.

A Webtv Uneb, em Juazeiro, funciona desde o dia 15 de Julho de 2010 na plataforma *online*, com uma programação composta por cinco programas, além de outros *links* com canais voltados para a experimentação da linguagem telejornalística e audiovisual. A TV Caatinga começou suas atividades em 26 de Agosto de 2012, em um *site* ainda provisório e com sete programas diferentes produzidos e gravados, já em exibição. Em ambas as plataformas, a programação foi concebida para dar visibilidade à temática regional, pautando as potencialidades e a cultura do Semiárido de uma forma contextualizada, contribuindo para a (re) construção das identidades de um povo há muito representado de forma caricata pelos veículos de comunicação de massa. A (re) construção a que me refiro tem o sentido de construir diferente do que foi construído, ajudando a pensar essas identidades, que são dinâmicas.

Todo esse conteúdo é produzido por estudantes de jornalismo, que refletem sobre a temática através de discussões e da aplicação prática da proposta de um olhar sem distorções sobre o Semiárido Brasileiro. Esses

territórios carregam o estigma de região problema, com uma recorrente associação entre clima e miséria, num discurso perpetuado no país desde a virada do século XIX para o século XX, de acordo com Ribeiro (1999). O autor analisou 57 artigos publicados entre 1992 e 1994 em jornais do Centro-Sul, além do jornal O Povo, de Fortaleza-CE, que continham alguns relatos sobre o tema “seca”. Ele observou que, no encadeamento discursivo dos textos, eram recorrentes abordagens sobre pobreza e fome, miséria, êxodo rural, clientelismo político, entre outras.

Mas não é só na imprensa escrita que o Nordeste e o Semiárido são retratados sob o olhar do determinismo geográfico e climático. Na televisão, essa abordagem tem som, imagem, texto e trilha sonora dramáticos e sensacionalistas, que levam o público à reflexões do tipo: como é possível viver num lugar tão inóspito? No dia 21 de maio de 2013, o programa Profissão Repórter da Rede Globo exibiu a edição que teve como título: “Profissão Repórter mostra as dificuldades das vítimas da seca no Nordeste”³. O tema do programa reflete a reprodução de um discurso propagado de forma quase que automática há décadas. Durante quase meia hora de produção, assistimos (mais uma vez) os “dramas” de um território (classificado assim, como um bloco, de forma uniforme) e de seu povo, retratados de forma vitimizada, miserável e subdesenvolvida. Esse discurso multiplicado indefinidamente reflete, no mínimo, uma total desinformação desses formadores de opinião sobre esses territórios que, por consequência, não sabem pautar nada além da seca “intangível” e “suas” consequências. Será que esses territórios que possuem o único bioma exclusivamente brasileiro, com um registro de pelo menos 1.031 espécies de plantas (SIQUEIRA FILHO, 2012), com flores e frutos em cores, texturas e aromas variados, além de uma rica fauna; um rio genuinamente nacional, que percorre 2.700 km de extensão em cinco estados, integrando o sudeste e o centro-oeste ao nordeste; territórios onde o povo é o

³ <http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/profissao-reporter-mostra-as-dificuldades-das-vitimas-da-seca-no-nordeste-parte1/2587553/>

resultado de uma diversidade que reúne comunidades tradicionais quilombolas, indígenas e mestiças (com as mais diversas origens); não renderiam outras possibilidades de abordagens jornalística, educativa e cultural?

Com a implantação de duas webtvs com a proposta educativa em Juazeiro-BA e Petrolina-PE, em pleno Semiárido Nordeste, é emergente discutir essa temática para o exercício do jornalismo, seus impactos na sociedade e para a prática de uma educação emancipatória assumida pela comunicação. É necessário pensar de que forma o jornalismo e outros tipos de programas que se produzem na programação das duas webtvs podem colaborar para a mudança de uma pauta sempre encaminhada da mesma forma: Semiárido igual a fome/miséria/subdesenvolvimento/flagelo. Como os produtores desses conteúdos, os estudantes e egressos que atuam (ou que já atuaram) nesses ambientes, apreendem a proposta de uma retratação diferenciada sobre o Semiárido e podem promover mudanças nas produções jornalísticas, educacionais, culturais e sociais sobre esses territórios? Como professora de jornalismo e também coordenadora dos dois projetos, objetos de estudo desse trabalho, tenho me dedicado a esta investigação por identificar no suporte webtv um espaço a ser explorado para a produção de notícias com a proposta de abordagem diferenciada do Semiárido. Portanto, esse estudo almeja contribuir com o campo científico da comunicação (especificamente na área do jornalismo) e da educação, com proposta cultural, científica e social.

Dessa forma, esta pesquisa se justifica pela necessidade de investigar de que forma os sujeitos que produzem e/ou que já produziram para a Webtv.Uneb-Núcleo Juazeiro (webtvjuazeiro.uneb.br) e a TV Caatinga (rtvcaatinga.univasf.edu.br), os estudantes de jornalismo e profissionais egressos do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Uneb, absorvem a proposta de uma retratação diferenciada do Semiárido e podem contribuir na identificação ou na construção das identidades territoriais, por meio de matérias jornalísticas e produções audiovisuais, como curtas-metragens e documentários, além de outros produtos educativos, considerando a

elaboração textual e imagética de uma linguagem telejornalística em transformação, diferenciada dos espaços convencionais de jornalismo de televisão, com o foco na comunicação para a promoção das viabilidades do Semiárido e a emancipação do povo que habita esses territórios. Sendo assim, pretendemos identificar quais as contribuições dos produtores de conteúdo dessas duas webtvs, no sentido de promover a (re) construção das identidades contextualizadas com o Semiárido, refletindo sobre a desconstrução do imaginário que se estabeleceu e continua sendo reproduzido nas produções de conteúdo telejornalístico, colaborando para uma formação cultural e acadêmica que promova o bem viver, além de contribuir para a autoafirmação positiva das identidades do povo que vive nesses territórios.

Metodologia

Para o desenvolvimento desse trabalho, utilizei procedimentos da pesquisa qualitativa, considerando que este tipo de estudo se adequa melhor a esta proposta, pois “compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados” (NEVES, 1996). Foi feita a análise do conteúdo a partir do discurso dos produtores da programação das duas webtvs referidas neste estudo, especificamente na temática identidade regional contextualizada com as viabilidades do Semiárido e a promoção desses territórios por meio de uma programação educativa, considerando que “a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).” (BARDIN, 1977, p. 38), além de ser “uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada.” (BAUER e GASKELL, 2003, p. 191).

Como instrumento de coleta foi utilizado um roteiro semi-aberto de entrevistas do tipo semi-estruturada com um único respondente, também chamada de entrevista em profundidade (BAUER e GASKELL, 2003). Os autores consideram que nas ciências sociais empíricas, a entrevista qualitativa

é uma metodologia de coleta de dados amplamente empregada, pois é “essencialmente uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia e entrevista”. (FARR *apud* BAUER e GASKELL, 2003, p. 65). Foram entrevistados quatro estudantes de jornalismo e dois egressos que participam ou participaram de um dos dois projetos educativos, no sentido de identificar vozes e a produção de sentido. A população foi selecionada a partir do seguinte critério: além de participarem ou terem participado de um dos dois projetos, os sujeitos também deveriam estar estagiando ou trabalhando em televisão (comercial ou educativa). O material coletado foi avaliado através de técnicas da análise de conteúdo e depois debatido sob o ponto de vista teórico. Inicialmente destacamos os temas geradores, agrupados em duas categorias: análise das ideias gerais e análise detalhada dos assuntos recorrentes nas falas dos entrevistados.

Para fundamentar essas interpretações, foram mensurados os seguintes fatores: o que os estudantes que produzem para a programação e os egressos que participaram das webtvs apreendem a respeito da proposta de abordagem contextualizada com o Semiárido? Eles concordam com essa outra abordagem?; quais as estratégias utilizadas por esses sujeitos para (re) construir as identidades do Semiárido através da programação das webtvs estudadas e nos ambientes de trabalho em que estão inseridos? Essas variáveis foram utilizadas para guiar o processo de observação participante na pesquisa de campo, onde adotamos uma estratégia mais dinâmica de análise das informações coletadas.

Dando prosseguimento ao processo de avaliação, reuni os conteúdos que foram recorrentes durante as entrevistas em quatro grupos: a desconstrução do discurso naturalizado, determinista, essencialista, para o da identidade socialmente construída; a apreensão pelos sujeitos produtores da programação das webtvs estudadas, de uma nova proposta de retratar esses territórios e as dificuldades encontradas por eles para multiplicar essa ideia nas emissoras de TV comerciais; o papel conservador da política e da hierarquia nas redações de TV, que não trazem a informação em toda sua dimensão e

reforçam o discurso distorcido sobre os territórios Semiáridos; e o que falta para mudar essa retratação estereotipada do Semiárido no telejornalismo brasileiro, na opinião desses sujeitos.

Resultados e discussão

Tudo que forma, transforma, [...] formação e transformação são processos recorrentes e ininterruptos. (MORAES, 2008. p.77)

Ouvir o outro e olhar ao redor pode ser uma saída para muitas inquietações (ou para substituí-las por outras). Foi a partir do contato com esse outro e esse redor que construí a seguir uma discussão, resultado desse estudo-reflexão-provocação.

O cenário e uma proposta

O imaginário que se criou em torno do Semiárido Brasileiro vai muito além das dimensões territorial, geográfica ou climática. Para Claval (2002 *apud* CARVALHO, 2011, p. 2), a categoria geográfica de território é apreendida como uma escala que é atravessada pelas dimensões materiais e imateriais, cuja interação as faz inscreverem-se na existência humana, nas ações técnicas, nos discursos elaborados pelos grupos sociais, numa relação de apropriação, física e simbólico-cultural desses. Assim, de acordo com Carvalho (2011, p.2), “essa interpretação pelo viés simbólico-cultural permitiu compreender o Semiárido como um território diverso, complexo e multidimensional”. Essa resignificação da identidade territorial a partir do sentido de enraizamento e pertencimento, identificada pela autora, também está relacionada pelo conceito de convivência contextualizada com essa região, que envolve desde a área de tecnologia, passando pela educação até a questão de identidade. Mas embora os estudos e pesquisas comprovem as possibilidades e viabilidades para a emancipação do Semiárido, essas informações pouco são noticiadas pela mídia. Com a proposta de mudar esse

paradigma, a Webtv.Uneb-Núcleo Juazeiro e a TV Caatinga executam uma programação de caráter educativo e informativo sobre esses territórios.

A Webtv.Uneb-Núcleo Juazeiro é um produto do projeto de extensão “Programas experimentais de televisão” do curso de Jornalismo em Multimeios do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, *campus* Juazeiro. Os estudantes de jornalismo produzem para o *site* produtos jornalísticos, educativos e culturais com destaque para temáticas contextualizadas com esses territórios. Embora se trate de um projeto de extensão, estudantes não colaboradores participam da iniciativa eventualmente, experimentando práticas em disciplinas da graduação. O projeto também tem uma atuação na pesquisa, quando envolve os alunos na reflexão e produção de artigos e trabalhos de conclusão de curso, que são apresentados em congressos. Dessa forma, o projeto acaba envolvendo pesquisa, ensino e extensão, multiplicando a área de alcance da sua proposta. A plataforma não precisa recorrer à informação-espetáculo (CANAVILHAS, 2001) para alcançar altos índices de audiência, tanto que uma consulta ao número de visualizações do *site* até o dia 28.06.2014 revela um total de 261.459 (informações fornecidas pelo editor de imagens da plataforma). A educação caminha ao lado da informação. A WebTV.Uneb Juazeiro educa pelo assunto que aborda e pelo modo como este assunto é abordado. As reportagens não são produzidas pelo valor de mercado, quando o importante é a audiência, mas pela relevância de seus temas para a sociedade (SANTOS e FRANCO, 2013). Segundo Martins (2008), um produto que junta educação e comunicação tem por finalidade intervir na sociedade. O objetivo buscado pelos programas desta webtv é mudar o tratamento dado à notícia com uma nova abordagem jornalística. Além desse aspecto, as reportagens da WebTV.Uneb Juazeiro acabam pautando não só a sociedade, mas os outros veículos. Isso é para Martins (2008) uma educação para os meios de comunicação, ou seja, pelo *site* ter um enfoque voltado para o educativo, os veículos de comunicação que se pautam por ele também modificam o tratamento dado à notícia. As reportagens da WebTV.Uneb- Núcleo Juazeiro têm o objetivo de focar as

identidades do Semiárido pelo que estes territórios tem de construtivo para a própria sociedade. Albuquerque Jr. (1999) afirma que

a identidade nacional ou regional é uma construção mental, são conceitos sintéticos e abstratos que procuram dar conta de uma generalização intelectual, de uma enorme variedade de experiências efetivas. Falar e ver a nação ou a região não é, a rigor, espelhar estas realidades, mas criá-las (p.26).

Existe ainda nessa webtv educativa um cuidado com a formação do aluno, produtor e repórter, vista como fundamental neste processo. Dessa forma, o estudante tem contato com a convivência com o Semiárido, através de um curso em parceria com o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada – IRPAA, oferecido a quem pretende ou não participar do projeto. A formação foi desenvolvida há cinco anos, pelo projeto de extensão do qual a WebTV.Uneb Juazeiro é produto. Durante o curso de Comunicação para a promoção das Viabilidades do Semiárido, os estudantes ficam numa espécie imersão por três dias se aprofundando em temas específicos sobre esses territórios. “Eu sempre pensei na seca como algo fatalista, depois do curso eu percebi que esse período já é previsto e que podem ser adotadas políticas para evitar os efeitos da estiagem prolongada. Além disso, algumas coisas já poderiam ter sido abolidas, como o plantio de milho e a criação de bovinos, não apropriados para a nossa região” (Estudante D). Em 2013 a formação completou quatro edições. A partir dessas vivências, os estudantes produzem pautas para programas como o “Coisas do Sertão”, da webtv educativa da Uneb Juazeiro, que discute desde a ciência produzida para a emancipação da região, passando pela cultura, o cinema, a apicultura, até a moda, tudo sob o ponto de vista local. “Eu acho que lá (na webtv) a gente dá visibilidade pra quem não tem espaço na mídia, a gente mostra o que os outros veículos não mostram e a gente retrata o Semiárido da maneira mais adequada possível. Particularmente, o meu olhar sobre a região mudou, sobre tudo que eu não tinha dimensão, questões que não conhecia e que depois do projeto me fizeram refletir sob outro ponto de vista” (Estudante C). A partir dessas experimentações, os estudantes vivenciam o que Jacob Mey (1998) chama de

letramento midiático, quando as tecnologias do conhecimento, como a leitura, a escrita e o uso da internet, são inspiradas e condicionadas pela atitude do sujeito em relação à sociedade.

No caso da TV Caatinga, que está funcionando há quase dois anos, a programação aborda o universo regional sobre aspectos variados, do ponto de vista científico, histórico, geográfico, social, político, educacional e cultural. Considerando que, para Macedo (2005), cultura é tudo que é resultado da criação do homem, que se faz das e nas suas relações (praticamente, inevitáveis) com o meio que o cerca, ou seja, com os demais homens no e com o ambiente (natural e sociocultural), o Semiárido aparece como nome do tipo de clima que predomina na maior parte de sua área territorial, sendo também designado geograficamente e reconhecido por outros nomes, como Sertão e/ou Nordeste.

No uso desse nome vejo que se busca dar, assim, existência a um lugar que se inventa, portanto, um lugar cultural, cuja invenção é bem recente (de 1980 para cá). [...] Encontra-se nesse projeto, ao que parece, o local com muitos significados – de contexto, de espaço ou de território (MACEDO, 2005, p.4- 5).

Dessa forma, a TV Caatinga se utiliza de denominações como “sertão”, nos seus programas, para identificar esses territórios e as abordagens voltadas para o Semiárido, além de pautá-lo sobre diversas temáticas, pontos de vista e variáveis, que não o da miséria e da região infértil. O objetivo da programação é mostrar uma diversidade desconhecida até mesmo por muitos que vivem nestes territórios e que perderam a identidade com o local. Identidade esta entendida aqui como algo em constante transformação, como sugere Ribeiro (2007),

concebendo os aspectos sociais, culturais e históricos em constante transformação e concomitante relação com a pessoa no processo dialético de internalização, não se pode pensar em identidade de um modo estanque, mas sim em processo identitário, em identidade enquanto movimento. Esta se configura por contínuas mudanças e transformações (p.72).

Os produtores de conteúdo dessa webtv são estudantes de jornalismo que passaram pelas mesmas formações e discussões da plataforma virtual da Uneb *campus* Juazeiro. São eles que produzem programas e notícias. “Aqui na TV Caatinga a gente não só tenta desmistificar essa ideia de sertão miserável, mas também conhecer melhor as particularidades dessa região e levar esse conhecimento para outras pessoas” (Estudante B). Entre os programas produzidos por esses estudantes está o “Viva Caatinga!”. A produção mostra a diversidade de espécies da fauna e da flora desse bioma, registrando um ambiente exuberante e pouco conhecido. As 63 edições produzidas fazem parte de um projeto piloto em parceria com a Secretaria de Educação de Pernambuco e vão ser distribuídas para todas as escolas do estado, do litoral à zona da mata e o sertão, além de serem exibidas no *site* da webtv e pelo canal (por assinatura e aberto) de televisão Futura e pela TV NBR, emissora estatal da Presidência da República. Essa iniciativa pretende servir de modelo para outros estados que queiram trabalhar com conteúdos contextualizados na educação e, ao ser exibida em rede nacional pelos canais de televisão, também colabora para a divulgação de conteúdos sobre o Semiárido diferentes dos propagados pela mídia.

Como destacado, todo o conteúdo produzido para essas duas webtvs é pensado e executado por estudantes de jornalismo, mas com acompanhamento docente. “A gente tem pautas interessantes aqui o ano inteiro. Já mostramos o cinema que é feito na região, a produção de mel, a moda, a pesquisa...a gente não é só chão rachado, gado morto. É só abrir os olhos e ver” (Estudante D). Após o término da graduação e vivências nessas plataformas virtuais, esses estudantes atuarão no mercado de trabalho profissional, tendo refletido e debatido sobre uma retratação do Semiárido oposta à que se consolidou ao longo dos anos no Brasil, numa experimentação que contribui para a construção de outras identidades sobre esses territórios.

A gênese do discurso vitimizante

A construção da imagem do Nordeste, onde se encontram o geográfico, o linguístico e o histórico, é mais remota do que se imagina. Em sua obra “A

invenção do Nordeste e outras artes”, Durval Muniz de Albuquerque Jr. (1999) considera que todos esses discursos se utilizam da estratégia da estereotipização para uniformizar o outro, desconsiderando suas multiplicidades e diferenças individuais. O autor registra ainda que essa ideia de regionalização é efeito das relações discursivas que se estabeleceram por volta do início do século XIX, a partir da elite dominante, para manter o controle das oligarquias e o poder político e econômico. Desde então, a imagem de povo sofrido, destinado à própria sorte vem se perpetuando. A influência que se consolidou na televisão; nos livros de autores como Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz (defensora da “nordestinidade”), Ariano Suassuna; na música de artistas como Luiz Gonzaga, nas letras de Humberto Teixeira (ALBUQUERQUE JR., 1999) e em outras manifestações artísticas, continua tão forte que ainda faz parte do imaginário popular. Até mesmo quem nasceu e/ou vive nos territórios Semiáridos, acredita e reproduz o discurso da vitimização causada pela seca intangível. Para os produtores de conteúdo das webtvs estudadas nesse trabalho, não foi diferente. Segundo os próprios, a educação escolar e a mídia, em especial a televisão, fizeram com que esses sujeitos crescessem com o olhar conservador e naturalista sobre o Semiárido. “Eu acho que é um problema já da educação básica, do livro didático, que trata a seca como flagelo, o nordeste como pobre, sofrido. Depois vem a televisão reforçando essa imagem e as pessoas reproduzindo esse discurso. Meu avô, por exemplo, vive dizendo que a gente nasceu pra sofrer”(Estudante A). Dessa forma, é importante lembrar que a mídia não é a única que produz e reproduz o discurso vitimizante, embora talvez tenha um caráter mais avassalador. Por esta razão é que, de acordo com Moraes (2008), “a escola deveria estar mais voltada para os processos de diferenciação do que os de homogeneização”.

Em plena era da tecnologia da informação e da comunicação o que realmente predomina é a desinformação dos reprodutores desses discursos fatalistas, seja por conveniência política e econômica ou pela simples falta de conhecimento. Para Castells (1999), a tecnologia não determina a sociedade: é a sociedade. A sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as

necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias. É o que revelam os depoimentos do público estudado nesse trabalho. Os sujeitos investigados que estagiam ou trabalham em emissoras de televisão comerciais estão subordinados à chefias sediadas no Sudeste, que impõem sua visão nas reportagens, um formato pronto para pautar o Semiárido que perpetua a visão do flagelo sobre esses territórios. “A gente já passou por situações em que você manda uma matéria pra fora (rede nacional) e vem totalmente diferente, aí você vai argumentar que não é daquele jeito, é diferente de você só aceitar, dizer assim- ‘só vamos mandar a reportagem no formato que eles querem’. Mas a verdade é que o formato já vem pronto” (Egresso B). Por não concordarem com essa abordagem, esses sujeitos se utilizam da formação adquirida em suas vivências nas webtvs aqui estudadas para argumentar com os superiores. Porém, nem sempre a informação supera o mito. “Eu acho que quando estava em uma seca muito forte, por umas duas vezes a gente conseguiu mudar, mostrar duas realidades. Tem uma reportagem que a gente mostrou o lado positivo e o negativo (de iniciativas) na seca, por exemplo. Na seca também tinham ações bem feitas, que mostravam que as pessoas estavam sobrevivendo à estiagem, mas geralmente é difícil argumentar (com as chefias do sudeste), é complicado” (Egresso B).

Mas se de um lado as dizibilidades em torno da indústria da seca resistem, de outro a educação para a convivência com o Semiárido Brasileiro vem promovendo uma nova ressignificação sobre essa região, sem estereótipos e baseada, entre outras coisas, em sustentabilidade, acesso à água e a terra, segurança alimentar e práticas educativas que contemplem essas informações associadas aos saberes locais e singulares de cada sujeito. Martins (2004) acredita que uma saída pedagógica pode ser o ensino organizado em cinco eixos básicos: a natureza; o trabalho, o conhecimento; a história da humanidade e as subjetividades humanas, construindo conteúdos que, ao mesmo tempo, coloquem o Semiárido de volta dentro do mundo de forma descolonizada, sem isolá-lo, mas sim integrá-lo e expandí-lo. É o que Albuquerque Jr. (1999) chama de ser global sem deixar de ser singular.

A lição que vem dos educadores pode servir de orientação para os comunicadores que pretendem pautar esses territórios de forma mais realística e menos caricata. "A gente aprende muita coisa. Não é combater a seca, porque ninguém combate à neve, por exemplo. Tem que ter políticas públicas que viabilizem a melhor convivência com o Semiárido e a educação contextualizada com esses territórios" (Estudante D). Conceitos como esses fazem parte das discussões e formações promovidas pelas webtv's estudadas, com o objetivo de desconstruir o olhar fatalista sobre o Semiárido e incentivar novas formas de noticiar esses territórios por meio dos seus produtores de conteúdo e multiplicadores dessa proposta.

Do Coronelismo rural ao digital

O discurso vitimizante da seca e do estereótipo, que historicamente começou com as oligarquias dominantes do próprio Nordeste e que foi propagado pela literatura e pelas artes, se consolidou através da mídia, principalmente dos veículos de comunicação de massa, especialmente a televisão. Se massificação é desumanização, é alienação e se o irracional e o mítico estão sempre associados a ela (FREIRE, 2011), esse discurso repetido indefinidamente vem causando estragos culturais, sociais e econômicos. Além disso, os media tradicionais, a televisão em especial, têm um enorme papel na construção da identidade coletiva (CASTELLS, 1999), contribuindo para reforçar a imagem estigmatizada desses territórios.

A forma como os media dominam a sociedade se deve também ao sistema de outorga e concessão de canais de radiodifusão implantado Brasil, que ainda hoje distribui emissoras de rádio e TV (sejam elas comerciais ou educativas) para empresários ligados aos mesmos grupos políticos, quando não aos próprios, que seguem determinando o que devermos ver, ouvir e acreditar. A concessão no Brasil, que por lei é pública, na prática sempre foi político-privada. O coronelismo dos currais eleitorais, do "voto de cabresto", migrou para os canais eletrônicos e, mais recentemente, passa por um processo de "revolução tecnológica" com qualidade HD: o coronelismo agora é

digital. Vide o exemplo de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, cenário desse estudo e onde os nossos entrevistados atuam. Do lado pernambucano do rio São Francisco, as duas emissoras de TV “pertencem” à mesma família (assim tudo fica em casa e sob controle, inclusive a concorrência), que também atua na política e no agronegócio local. Já do lado baiano do Velho Chico, a emissora pertence a uma rede de afiliadas instaladas em todas as regiões do estado, de “posse” da mesma família que por quatro décadas “administrou” a Bahia nas esferas municipal, estadual e com forte representação na polícia nacional. O controle do “curral eleitoral” agora é mais sutil e subliminar, com tecnologia *hi tech*.

Mas e o conteúdo da tv, evoluiu? Nos programas de entretenimento (novelas, humorísticos, auditório, musicais, etc), o sertanejo (ou o nordestino, já que para o eixo Sul-Sudeste, trata-se tudo da mesma coisa) ainda é o matuto, o personagem do sotaque arrastado e engraçado, o pobre-coitado, o irmão flagelado da seca, o exótico... muitas são as caricaturas, os estereótipos. No telejornalismo, principalmente o produzido para exibição em rede nacional, o encaminhamento da pauta que predomina é o do determinismo e do fatalismo climáticos. “A reprodução do discurso estereotipado contribui para a desinformação, até mesmo dos nordestinos” (Estudante B). Pouco se relata sobre as possibilidades e as viabilidades do Semiárido. Quase não se fala da ineficiência dos gestores públicos na implantação de políticas definitivas de convivência e emancipação do povo do Semiárido. O texto é o mais raso possível e sempre o mesmo: seca igual a fome, miséria, flagelo. O pano de fundo também não mudou, trilha e efeitos visuais dramáticos, carcaças de vacas e o “clássico” chão rachado. A receita para fazer a reportagem é a mesma, independente do profissional que narra o fato.

Nas emissoras locais, onde a equipe é formada por egressos e estudantes do curso de Jornalismo da Universidade do Estado da Bahia, que já vem debatendo essa questão no ensino, pesquisa e extensão, é possível observar uma tentativa de sair do lugar comum. Os sujeitos investigados nesse estudo relatam que conseguem propor, nos meios em que estão inseridos, outras abordagens sobre esses territórios, que não a do fatalismo ou da

vitimização. “Eu proponho o que aprendi, a parar de olhar para a região sempre buscando a mesma coisa, a discutir outros temas sobre o Semiárido” (Egresso A). Mas a autonomia quase sempre termina quando a reportagem deve ser veiculada em rede nacional, nesse caso os repórteres locais estão sujeitos à hierarquia de chefias que não conhecem a região, muito menos o contexto e as especificidades do Semiárido. “Quem tá lá em cima (no Sudeste) diz: eu tenho muitos anos de televisão, sei o que estou fazendo” (Egresso B). O resultado é a reprodução do lugar comum, onde encontramos semelhanças com a pesquisa de Ribeiro (1999), quando são recorrentes as abordagens sobre a miséria e o clientelismo político na imprensa. “Interessa a quem manter esse discurso? Até que ponto a política interfere? O jornalismo deveria servir a população, mas não é isso que acontece, a manipulação é ainda muito forte” (Estudante B). As relações de poder determinam de forma quase criminosa e alienante o discurso dos media, “a (neo) colonização cultural esteriliza a diversidade do pensamento crítico e criativo local e semeia o pensamento único, universal, do dominador” (SILVA, 2010, p.4). Na linguagem telejornalística poderíamos inclusive apontar a diferenças na condução de pautas similares por região. Vide o exemplo da estiagem paulista no ano de 2014. Na matéria produzida por uma emissora de TV comercial em São Paulo, o texto usa termos como “falta de chuva” ou “crise no abastecimento de água”. Se uma reportagem semelhante da mesma emissora fosse pautar a estiagem no Semiárido, a tendência seria utilizar os termos que viraram chavão: “o flagelo da seca”, “as vítimas da seca”, “a pior seca dos últimos 30/40 anos”, e outros clichês reproduzidos tão exaustivamente que já esperamos ouvir na narração do repórter ou do apresentador do telejornal. Nada de novo.

O Semiárido que a tv não vê

Diante desse cenário, uma das alternativas ainda é a educação contextualizada, desde a escolar à midiática, a educomunicação, que deve estimular o sujeito a desenvolver o próprio pensamento crítico e o livre exercício da cidadania. O professor (e também o comunicador) tem um papel

fundamental nesse processo, mas não como um simples mediador dos conteúdos, e sim como o que Kleiman (2006) chamou de agente de letramento, um ator social na educação que promove o ensino da escrita relevante e significativo para a comunidade aprendente. O agente de letramento

é o mobilizador primário das capacidades e habilidades do grupo e teria por objetivo fazer emergir, nas interações com os educandos, seus conhecimentos de livros e outros recursos escritos, assim como aqueles das suas redes comunicativas familiares, religiosas e outras, com o objetivo de ajudá-los a atribuir sentido à palavra escrita (KLEIMAN, 2006, p. 415-416.).

E se o sentido é construído essencialmente a partir da experiência, os temas devem ser escolarizados a partir de uma significação local ou orientada a partir dos modos de saber e de dizer localmente situados (SANTOS, 2008) . Essa proposta também compactua com a da aprendizagem significativa, estudada por Ausubel (1982) na psicologia da educação. Para o autor, cada aprendiz faz uma filtragem dos conteúdos que têm significado ou não para si próprio. É dessa forma que os produtores de conteúdo das webtv's educativas estudadas neste trabalho agem, absorvendo um novo olhar o Semiárido, pautando-o a partir do contexto, da apuração dos fatos e de abordagens jornalísticas e/ou culturais diferenciadas da grande mídia. “Eu acho que mudou. É uma visão diferenciada, não só por mim, mas por colegas de trabalho que saíram daqui da nossa formação local. A gente já discute mais por que é que tá seco, quais seriam as ações, já consegui já abordar isso. Desde o processo de produção até a reportagem, eu já vejo uma preocupação maior em abordar essa questão de políticas públicas, de não mostrar o problema como climático, já fiz reportagem deixando bem claro isso para veiculação em Petrolina e região. Em nível nacional ainda não, até porque a gente vê uma diferença muito grande de diálogo entre o pessoal de fora (chefias do Sudeste) e a gente” (Egresso B).

Não se trata de ocultar os problemas, mas revelar suas verdadeiras causas e as soluções para os mesmos. Os ex-colaboradores desses projetos

educativos que já estão no mercado de trabalho procuram pautar o olhar jornalístico sob abordagens pouco utilizadas, como a ausência de ações do poder público nesses territórios historicamente excluídos pelos governos. “A minha preocupação constante é mostrar a realidade sem reforçar o estereótipo. A saída tem sido buscar o ponto de vista da falta de investimento dos gestores em tecnologias e políticas públicas de convivência com o Semiárido” (Egresso A). Pautas sobre ciência, saúde, educação e arte também são constantemente levantadas pelos produtores (ou ex) de conteúdo dessas plataformas, que contribuem para a produção de outros discursos e outras identidades sobre esses territórios. Segundo Street (2006),

temos de começar onde as pessoas estão, compreender os significados e usos culturais das práticas de letramento e traçar programas e campanhas com base nelas em vez de com base em nossas próprias suposições culturais acerca do letramento (p. 484).

Portanto, esse letramento escolar e, porque não também, midiático, pautado no saber local, na oralidade e nas experiências com a leitura e a escrita, é uma realidade em construção nos Semiáridos baiano e pernambucano, por meio da educação contextualizada, seja na capacitação dos professores e comunicadores, seja na elaboração de material didático e produtos televisivos (a partir das webtvs aqui estudadas) que refletem o universo local, sem perder de vista a comunicação intercultural (ELHAJJI, 2005) empoderadora.

Se essa proposta vem dando certo nesses territórios, pode servir como exemplo para educadores e comunicadores de outras regiões. Essa é a solução apontada pelos sujeitos entrevistados nesse estudo. “O discurso pode mudar a partir da educação básica e da busca pela informação de quem produz conteúdo contextualizado, principalmente pelas chefias localizadas no sudeste “(Estudante A); “falta apuração, conhecimento e interesse dos veículos (de comunicação) para rever a visão que se estabeleceu” (Estudante C); “o profissional (de TV) se preocupa com a qualidade da imagem, com o formato, se preocupa com a plástica que vai ficar na reportagem, mas no geral acaba

não discutindo como ela vai ficar (em termos de conteúdo), o encaminhamento (abordagem da pauta), às vezes fica faltando um pouco disso” (Egresso B); “o conhecimento tem que sair da universidade. Essa informação (de uma outra retratação) não deve chegar só aos estudantes, mas também a quem decide nas redações do sudeste, através de cursos, de aprofundamento, por exemplo”(Estudante B). Esses sujeitos acreditam numa mudança de paradigma a partir da informação, que não deve se limitar a discussão acadêmica, mas ir além e promover uma verdadeira mudança na sociedade a partir da emancipação das pessoas. “A academia traz uma proposta muito boa, até de aprofundar mais o assunto, e a empresa (de televisão) traz a questão prática e técnica diferente da academia, até porque é um ritmo muito acelerado. Então o ideal seria conseguir aliar essas duas coisas, já que são duas realidades bem diferentes. Falta só uma discussão, não sei, uma forma de aproximar (academia e TV), tentar levar essa reflexão” (Egresso B). Essa aproximação entre academia e mercado, no caso do jornalismo, é ainda um desafio a ser pensado, mas nada que não possa ser superado com diálogo e boa vontade.

Considerações finais

O ser humano, para se manter vivo, depende não apenas de matéria/energia, mas também de informações. (MORAES, 2008. p.67)

Os ambientes virtuais Webtv.Uneb Juazeiro e TV Caatinga bebem na fonte da educação contextualizada, da comunicação intercultural empoderadora e do letramento mobilizador, temas debatidos nessas plataformas e no ensino da graduação de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia. Ao investigar de que forma os estudantes do curso e colaboradores desses projetos se apoderam do discurso de uma retratação do Semiárido diferente da propagada pela mídia, através da produção da programação desenvolvida nestas duas webtvs universitárias localizadas em Juazeiro-BA e Petrolina-PE, concluí que os mesmos se transformam em multiplicadores dessa proposta de emancipação desses territórios e de seu povo. De uma forma ou de outra, os estudantes e egressos

que produziram para essas plataformas, acabam utilizando esses conceitos no mercado de trabalho e se transformam em divulgadores da comunicação para as viabilidades do Semiárido.

Considerando o que autores como Kleiman (1995), Barton & Hamilton (1998) e Santos (2001), (*apud* SANTOS, 2008), pensam a respeito do letramento, que não seria meramente o que a escrita faz com os leitores, mais do que isso, é aquilo que os diversos leitores, os professores, os alunos e a comunidade em geral fazem com as escritas nas práticas sociais específicas, os estudantes e egressos colaboradores das webtvs estudadas não apenas se apropriam dessa proposta, desconstruindo a imagem anterior propagada sobre esses territórios, que estariam condenados ao flagelo pela questão climática, como também se transformam em “agentes da comunicação”⁴ de um Semiárido que a TV não vê nem mostra, através de suas produções. Muito embora os produtores de conteúdo dessas duas plataformas educativas ainda esbarrem na hierarquia das emissoras de TV comerciais (chefiadas por profissionais do Sudeste, que normalmente não conhecem nem nunca estiveram no Semiárido), aos poucos, eles provocam um debate e uma reflexão sobre a retratação desses territórios pelo telejornalismo. Assim, se não mudar o olhar de quem forma opinião, o Semiárido continuará não sendo encarado como prioridade e as políticas públicas “pensadas” para esses territórios vão continuar as mesmas. Por isso, cabe aqui questionar quem está no comando dessas emissoras, que insistem em reproduzir e alimentar uma imagem errônea do SAB, uma vez que essa postura não interessa mais e deve ser revista. É necessário construir um novo senso comum, realizar o trabalho jornalístico considerando a realidade e o contexto desses territórios. Ainda há muitas barreiras e preconceitos a serem superados, mas o primeiro passo foi dado.

Observando que os processos de letramento não podem ser entendidos simplesmente em termos de escolarização e pedagogia, eles são parte de instituições e concepções sociais mais abrangentes (STREET, 2006), esta

⁴ Termo adaptado por mim a partir do “agente de letramento” de Ângela Kleiman (2006).

pesquisa investigou a proposta de uma retratação do Semiárido sem distorções junto aos estudantes que produzem conteúdos para as duas webtvs educativas e os egressos que passaram por um dos dois projetos e atuam profissionalmente na imprensa, especificamente na televisão. São eles que ajudam a pautar os temas geradores da programação dessas plataformas, contextualizando com uma realidade regional pouco vista nos meios comerciais, a partir de discussões tanto em sala de aula, pela análise de produções jornalísticas, como em cursos de formação. Dessa forma, esse tipo de plataforma educativa e jornalística contribui para promover as potencialidades e (re) construir as identidades desses territórios (seja no do ponto de vista rural, urbano, da ciência, tecnologia, inovação, cultura, etc.), mudando paradigmas. Como afirma Strauss (1999), “um objeto é classificado a partir de alguma perspectiva. O mesmo objeto será classificado de modo diferente a partir de perspectivas diferentes”. Ou seja, o que os produtores de conteúdo dessas duas webtvs apreendem durante a passagem pelos projetos não apenas desconstrói sua visão antes estereotipada sobre os territórios Semiáridos, como acaba por intervir na sua atuação profissional no mercado de trabalho. Isso só é possível graças ao papel educativo dessas plataformas e a preocupação com a formação de futuros profissionais que saiam da universidade verdadeiramente situados sobre o seu papel nessa discussão. O resultado é que esses sujeitos buscam colocar em prática novas formas de pautar o Semiárido, vivenciando inclusive conflitos éticos, inicialmente internos, por saberem que precisam muitas vezes mostrar a realidade de territórios pouco beneficiados com políticas públicas emancipadoras, mas sem reforçar o estereótipo; e posteriormente por serem “obrigados” constantemente pelos superiores (quase sempre muito pouco informados sobre as especificidades do Semiárido) a repetirem a abordagem vitimizante que se consolidou no telejornalismo. Desse conflito surge mais uma questão: garantir o emprego ou confrontar o chefe?

A partir de conflitos e questionamentos como esses, levantados durante a investigação desse trabalho, os produtores de conteúdo das webtvs estudadas tiveram a mesma opinião: a solução para mudar a retratação

estereotipada do Semiárido está na informação, aqui entendida como conhecimento, apuração, algo que deveria ser a base do trabalho jornalístico. Eles acreditam que se os comunicadores substituírem o lugar comum pela abordagem contextualizada a respeito do Semiárido, a retratação desses territórios no telejornalismo passará por mudanças. E isso não significa omitir os problemas, ao contrário. O trabalho investigativo e jornalístico continua. O profissional da área deve continuar seguindo a premissa de não aceitar nada (nada mesmo) como verdade absoluta: é preciso perguntar, questionar, duvidar, sempre.

Mas para construir o caminho para uma outra retratação também é necessário superar o abismo entre o pensamento acadêmico e o mercado de trabalho. Ambos precisam sair de sua zona de conforto e buscar uma aproximação, trabalhar juntos. Como fazer isso na prática? Os sujeitos investigados nessa pesquisa sugerem cursos, capacitações, quem sabe até manuais que tornem os estudos mais acessíveis e aplicáveis. O questionamento está feito para um outro trabalho e será mais um objeto dessa pesquisa, que não se encerra aqui.

Após esse estudo também pude concluir que a comunicação nessas duas webtvs educativas não se limita à prática jornalística, mas também cumpre um papel educativo e social na medida em que contribui para a (re) construção de uma imagem sem distorções do Semiárido, seja ele na zona rural ou na zona urbana. O trabalho também demonstra que essa prática é totalmente possível e pode servir de modelo para os veículos de comunicação, de quaisquer suportes. As plataformas incentivam ainda a autonomia e o protagonismo na construção do conhecimento, inicialmente desses sujeitos produtores da informação, os universitários e egressos, uma vez que incentiva-os a pensarem uma abordagem (jornalística ou não) que destaque outras visibilidades, dizibilidades e saberes sobre esses territórios.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBAERT, Rogério. **Identities e territórios**: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Access, 2007.

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa**: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 21 set. 2013.

CANAVILHAS, João. **Televisão**: O domínio da informação espetáculo. Universidade Beira Interior, 2011. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-televisao-espectaculo.pdf>> Acesso em: 14 Ago. 2013, às 16:40.

CARVALHO, Luzineide Dourado. Um sentido de pertencimento ao território semiárido brasileiro: a resignificação da territorialidade sertaneja pela convivência. **Revista de Geografia**, UFPE, Vol. 28, No. 2, 2011. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistageografia/index.php/revista/article/view/473/355>>. Acesso em: 10 Jul. 2013, às 18:57.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. – (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1). São Paulo: Paz e Terra, 1999.

ELHAJJI, Mohammed. Comunicação Intercultural: apontamentos analíticos. **Revista Contemporânea, Rio de Janeiro**, v. 3, 2005.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 15ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.

IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Preliminar 2000**. Rio de Janeiro. 2000. Disponível em: www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/sinopse_preliminar/default.shtm Acesso em: 20 Ago. 2013, às 10:20.

KLEIMAN, Angela B. Professores e agentes de letramento: identidade e posicionamento social. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 8, p. 409-424, 2006.

LIMA, Maria José de Araújo; PINTO, Edilene Barbosa. **O programa de convivência com o semi-árido brasileiro e sua influência na mudança de hábitos e valores**. Trabalho apresentado no II Congresso Iberoamericano sobre Desarrollo y Medio Ambiente, em Puebla/México, em Outubro de 2005. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/geral/nesa/textos/o_programa.pdf> Acesso em: 10 Jul. 2013, às 15:41.

MACEDO, Odomaria Rosa Bandeira. **Cultura, subjetividade e semi-árido brasileiro**. Trabalho apresentado no Seminário Intermunicipal dos Educadores, em Julho de 2005. Disponível em: <<http://www.irpaa.org/publicacoes/.../odomaria-cultura-subjetividade-irpaa.doc>> Acesso em: 10 Jul 2013, às 19:30.

MARTINS, Josemar da Silva. Anotações em torno do conceito de Educação para a Convivência com o Semiárido. In: **RESAB**. Educação para a Convivência com o Semiárido Brasileiro - Reflexões Teórico-práticas da RESAB. Juazeiro – BA: Selo Editorial RESAB, 2004.

MARTINS, Josemar. **Comunicação e educação: fronteiras comuns necessárias**. UNEB, 2008. Disponível em: <<http://educomum.blogspot.com.br/2009/05/comunicacao-e-educacao-fronteiras.html>> Acesso em: 06 Ago. 2013, às 17:58.

MEY, Jacob L. As vozes da sociedade: letramento, consciência e poder. **DELTA**: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 14, n. 2, p. 331-348, 1998. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000200003. Acesso em 17 de Maio de 2014, às 18:45.

MORAES, Maria Cândida. **Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI**. Vozes, 2008.

RIBEIRO, Daniela Costa. **WebTV: Perspectivas para Construções Sociais Coletivas**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/ribeiro-daniela-web-tv-perspectivas-para-construcoes-sociais-coletivas.pdf>> Acesso em: 17 Ago 2013, às 19:40.

RIBEIRO, Marcelo. **O Processo Identitário**. Olinda: Editora Livro Rápido – Elogica. 2007.

RIBEIRO, Rafael Winter. Seca e Determinismo: a gênese do Discurso do Semiárido Nordeste. **Anuário do Instituto de Geociências**, UFRJ, Vol. 22, 1999. Disponível em: <http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_1999/vol22_60_91.pdf> Acesso em: 10 de Jul 2013, às 14:21.

SANTOS, Cosme Batista dos. Letramento e comunicação intercultural: o ensino e a formação do alfabetizador no Semi-árido baiano. In: MENDES, Edleise; CASTRO, Maria Lúcia. **Saberes em Português: o ensino e a formação do professor**, organizado por e publicado pela Editora Pontes de Campinas-SP, 2008.

SANTOS, Fabíola Moura Reis; FRANCO, Amanda Pinto. (Re) Construindo as “Coisas do Sertão”: um semiárido em foco. In: **Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação-XX Prêmio Expocom 2013 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação**. 2013. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2013/expocom/EX37-0349-1.pdf> Acesso em: 13 de Set 2013, às 18:40.

SILVA, José de Souza. **Aridez mental, problema maior**: contextualizar a educação para construir o ‘dia depois do desenvolvimento’ no Semi-Árido Brasileiro. In: Seminário Nacional sobre Educação contextualizada para a Convivência com o Semi-Árido. Campina Grande, Embrapa/INSA, 2010.

SIQUEIRA FILHO, José Alves de. **A flora das caatingas do Rio São Francisco**: história natural e conservação. I. ed. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson, 2012.

STRAUSS, Anselm L. **Espelhos e Máscaras**: A Busca de Identidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

STREET, Brian. **Perspectivas interculturais sobre o letramento**. Filol. lingüíst. port., n. 8, p. 451-464, 2006.

* Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Ensino Superior, Contemporaneidade e Novas Tecnologias, da Universidade Federal do Vale do São Francisco, sob a orientação do Professor Doutor Marcelo Ribeiro.